

Sambenitar pela web

No *Vocabulário português e latino* do Padre Raphael Bluteau¹, um dos primeiros dicionários da língua portuguesa, publicado em Lisboa entre 1712 e 1728, a palavra sambenito é definida como o hábito que o penitente era obrigado a usar como testemunha de seu arrependimento. Em geral, uma vestimenta em forma de saco, de tecido rústico, à qual se apunha uma cruz ou outro sinal ligado à religião. Mas foi durante a vigência da Inquisição em Portugal (1536-1821) que o sambenito foi vestido por hereges, principalmente, judeus ocultos arrependidos, sempre em expiação às suas culpas. No caso dos hereges convictos, era vestido nesses trajes, que eram dirigidos à fogueira. Na mesma época, cunhou-se o adágio: “fazer do sambenito gala”, que circulava por todo o império português, significando, segundo o dicionarista e compilador Raphael Bluteau “quem se vangloria de coisas das quais deveria se envergonhar”. Nesse ano de 2021, portanto, completam-se duzentos anos do fim da Inquisição portuguesa. O que não quer dizer que ~~Após quase dois séculos do fim da Inquisição Portuguesa (1536-1821)~~ as permanências simbólicas ~~daquele Tribunal de alguns comportamentos humanos,~~ não se encontrem atualizadas nos comportamentos ~~nes~~ cotidianos ~~até aqui~~ nos dias de hoje. Tanto nos tempos do Império português, quanto no Brasil colonial, a ação do Santo Ofício, do Tribunal da Inquisição se valia da calúnia para levar acusados de paganismo ao degredo, à execração pública e, muitas vezes, à morte na fogueira. Algo semelhante ocorre nos dias atuais, nos tempos feéricos da web, quando a calúnia, em ações instantâneas, “ateia fogo” e condena ao ostracismo ~~perseguidos políticos, contestadores, as vozes que se levantam contra os poderes instituídos.~~ ~~, ainda servem para sambenitar. A calúnia e o ouvir dizer, exemplos de recorrências do Santo Ofício excluem agora se utilizado da velocidade da web para atear fogo e degredar.~~

Antes mesmo que as redes sociais ganhassem a abrangência que apresentam hoje, a ~~médica e psicoterapeuta~~ ~~Para a médica e psicoterapeuta~~ mineira Jane Amélia Soares, uma das autoras do livro *Antropologia da Alegoria da Calúnia*², já alertava ~~falta nos e para o perigo do~~ hábito de não verificar e conferir ~~as informações dissipando para que se dissipe~~ a difamação e os tempos de temor. Àquela altura, a ideia do “falem mal, mas falem de mim”, o equivalente a “fazer do sambenito, gala” ainda não havia se disseminado como atualmente. Da mesma forma, os Estados democráticos não se

¹ O *Vocabulário português e latino...* pode ser acessado em <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico/>

² BONINI, Ely Garcia (org.). *Antropologia da alegoria da calúnia*, Belo Horizonte: Artear, 2010

encontravam ameaçados, como hoje, pela emergência de movimentos e regimes de extrema direita, em especial na Europa e no Brasil. Nem por isso, as palavras da médica e psicoterapeuta deixam de ser atualíssimas, como o leitor poderá conferir na ~~Confira a seguir a conversa, por email, entrevista com Jane Amélia, concedida ao~~ ~~Jornal O Povo, do Ceará, em X de Y de 20VV.~~ Em suas palavras, o substantivo se faz verbo: “sambenitar”, e passa a nomear ideias e práticas das sociedades contemporâneas...

*Fiz pequenos ajustes no texto da entrevista. Acho que não há necessidade de “alertar” que alterações tão discretas foram introduzidas na entrevista. São um nonada, uma tutameia 😊

O POVO - Com relação ao tempo da Inquisição, quais permanências dos comportamentos ligadas às mentalidades você identifica ainda hoje?

Vivemos em tempos de grande instabilidade, a modernidade líquida, o que gera um sentimento geral de insegurança e temor, tal como ocorria na época em que foi instalada a Inquisição. Naquele tempo, **na época moderna**, a delação era incentivada, o que caracterizava uma vigilância e controle de todos sobre todos. Hoje, o temor da instabilidade alimenta uma ansiedade pela sobrevivência que faz com que as pessoas lutem por posições **privilegiadas** se tornando rivais e inimigas. Instaura-se um clima de desconfiança generalizada em uma sociedade baseada em controle: os panópticos estão em todos os lugares, tão "normais" que se tornaram até formas de entretenimento através dos reality shows. As câmeras estão espalhadas tornando indistintas as fronteiras entre os espaços públicos e privados. A internet potencializa este processo de invasão da privacidade pessoal em que todos podem ter informações a nosso respeito, como ocorre, por exemplo, nos sites de relacionamentos. Vigiamos e nos sentimos vigiados o tempo inteiro. É o clima paranoico sendo tratado como normalidade. Com o alcance das novas mídias, qualquer delação ou calúnia podem adquirir dimensões incontroláveis e destruir reputações. Enquanto na Inquisição a pessoa era estigmatizada, "sambenitada" ou queimada literalmente na fogueira, hoje ela é destruída em sua dignidade pelo processo de difamação e calúnia. A Inquisição surgiu da concentração dos poderes político e religioso, servindo como instrumento para garantir sua consolidação e manutenção, agindo com atitudes arbitrarias submetidas aos interesses daqueles que a promoviam. Atualmente, o Estado de exceção, onde a lei fica suspensa em razão de algum interesse, proclamado em sua maioria de forma indiscriminada, repete a arbitrariedade e violência da Inquisição. Podemos citar o nazismo e os campos de

concentração como uma atualização tecnológica das antigas fogueiras do tempo de caça às bruxas. Em âmbito mundial, xenofobias, fanatismos, terrorismo e fundamentalismos são as novas "ações inquisitivas".

O POVO - Por que o ciclo do ouvir dizer e consolidar uma calúnia, tão presente na época do Santo Ofício, ainda encontra terreno fértil?

JANE - Na época do Santo Ofício, os rumores se propagavam com facilidade, alimentados pelo temor e ignorância do povo, que reproduzia como uma caixa de ressonância quaisquer absurdos que ouvisse dizer. Hoje, não temos o hábito de verificar e conferir a respeito das coisas que nos chegam, pois confundimos conferência com desconfiança. São Tomé, aquele que quis ver para crer, tocar nas chagas de **Cristo** para certificar-se de que estava em sua real presença, não encontra muitos devotos em nosso tempo, por falta de compreensão de sua atitude. A sua confiança na relação amorosa e amiga com Cristo é que o mobilizou em direção a verificação da veracidade da aparição. Diferentemente de São Tomé, vivemos em um mundo de produção de aparências e nos contentamos com a superficialidade. Portanto, muitas vezes nos basta ouvir dizer sobre algo para nos considerarmos competentes a formar julgamentos. Somos, muitas vezes, opiniáticos. Nessa superficialidade ficamos privados do pensamento crítico e nos deixamos guiar por rumores e boatos, numa atitude crédula. Colabora para esta situação, o excesso de informação a que somos submetidos atualmente, desvinculado dos processos de reflexão e síntese. Nosso conhecimento tende a ficar raso, com pouca fundamentação.

O POVO - A autoinquisição **auto inquisição**, manifestação presente em nossos dias, tem a ver com a herança do tempo do Santo Ofício?

JANE - A autoinquisição **auto inquisição** é um processo de introjeção de um olhar opressor e acusador. A pessoa se avalia com excessiva severidade e rigor, não admitindo em si as fragilidades e os erros próprios da condição humana. Julga e condena a si mesma de maneira definitiva, como se não houvesse chances de transformação ou mudança, sempre suspeitando de si mesma. Herdamos e continuamos uma mesma cultura religiosa que acontecia na época **moderna**, do Santo Ofício, que valoriza o sacrifício e o flagelo da consciência através da culpa para ganhar o reino dos céus.

O POVO - Qual a saída para enfrentar a auto inquisição?

JANE - Como a auto inquisição é um processo que ocorre em nossa consciência, ampliá-la é o primeiro passo para sair deste estado de alienação, cegueira e sofrimento — que são impeditivos de um pensamento crítico e qualificado. Ampliamos nossa consciência quando buscamos aprimorar nosso autoconhecimento, ressimbolizando e ressignificando nossas experiências continuamente, valorizando nossos erros como processo de aprendizagem. Saber de nossas potências, tanto quanto de nossos limites, assumindo-nos como autores de nossas ações é apropriarmos-nos de nós mesmos, livres da dependência de da aprovação do outro (quando estamos querendo aprovação do outro, já estamos susceptíveis à auto inquisição). O autoconhecimento aumenta a possibilidade de nos estimarmos, abrindo espaço para a consciência delicada. Aceitarmos-nos, como natureza humana complexa, que abarca em si o "bom" e o "mau" (o bem e o mal), inacabada e imperfeita, faz parte deste caminho: o que perdura no tempo de nossa vida. No contraponto de consciência escrupulosa, martirizada que vê dever e pecado onde não há, a consciência delicada se manifesta considerando a realidade por vários aspectos e colocando-se como presença para o outro, empaticamente, com espontaneidade e folga. Libertarmos-nos do auto inquisição, a fim de escrevermos??? autonomia, independência e liberdade, implica uma atitude responsiva diante da vida, em que o responder por nossas ações não seja encarado como expormo-nos a um julgamento pesado e atemorizante, mas um processo de aprimoramento contínuo e vital ao ser humano.

O POVO - As religiões de modo geral reforçam a credulidade e por consequência a auto inquisição?

JANE - Não podemos dizer que são as religiões que reforçam a credulidade e auto inquisição, mas, sem dúvida, este é terreno fértil para que se proliferem estas práticas. Isto ocorre quando as religiões da obediência, para afirmarem seu poder, oferecem a salvação, ao mesmo tempo que impõe temor. São formadas por seguidores submissos e não por pessoas autônomas, críticas e questionadoras. A credulidade se forma a partir da passividade exercida através retirar? de uma escuta pouco qualificada, que não verifica os fatos: a pessoa, por exemplo, "ouve dizer" alguma coisa, e já acredita sem buscar os fundamentos, sem contextualizar, sem levar em

conta os aspectos que podem influenciar numa "verdade". Mas o pior é que a credulidade anda de mãos dadas com a ignorância, **com a maledicências**, com uma inocência de conveniência... todas atitudes de um ciclo que pode culminar com a exclusão de uma pessoa do grupo social, como ocorre nas calúnias, tão usuais em nossos tempos e mídias. Quando introjetamos crenças sem questionamentos, podemos tanto nos tornar crédulos quanto auto inquisitivos, nos vigiando e punindo todo o tempo. Nas duas hipóteses, estamos praticando a limitação de nossa capacidade de pensamento; mas, se somos feitos à imagem e semelhança divina, não seria o pensar também um dom de Deus que merece ser cultivado e trabalhado? Extrair da religião apenas suas crenças é que nos leva a engessar nossa espiritualidade em certezas. E, neste mundo de tanta instabilidade, muitas vezes esta é a "saída rápida" — paliativa — para os nossos problemas; soluções "mágicas" ou "miraculosas, mas acabam é por anular a riqueza que possuímos de sermos capazes de pensar.

O POVO - Quando o papa Bento XVI afirma que as denúncias de pedofilia são coisa do "diabo tentar expulsar Deus da terra", isso é uma forma de "sambenitar" a culpa e desviar olhares?

JANE - O que considero mais importante nessa declaração do papa é que ela nos leva a perguntar sobre as concepções da figura do diabo ao longo da história — particularmente no cristianismo — e assim propicia a oportunidade de repensarmos o significado desta figura que personifica o mal. O diabo na tradução grega, diabolôs **colocar em itálico?**, significa "caluniador". Encontramos esse mesmo universo de significação na representação feita pelo pintor Apeles no século IV a.C., em seu quadro A Calúnia, onde são revelados os elementos constitutivos do diábolos, através da figura central da calúnia e alegorias que a acompanham: má-fé, credulidade, ignorância, verdade-por-ouvir-dizer, desconfiança, sarcasmo, inocência, hipocrisia, inveja, remorso, culpa, artifício e maledicência. Ou seja, elementos humanos presentes na vida de todos. A compreensão deste diábolos permite identificarmos o mal em nós mesmos para, assim, podermos escolher a direção contrária. **Como escreveu Guimarães Rosa, no conto Buriti de O corpo de Baile, "Aquele homem não podia ser bom, ele ainda nem conhecia sua maldade" (João Guimarães Rosa).** Já a concepção de diabo que predomina diz respeito ao mal absoluto, inumano, incontrollável, sem remédio, sem qualquer perspectiva de mudança. Frente a esse mal total, tão desprovido de humanidade, afastamo-nos com horror da possibilidade de admiti-lo em nós. Ficamos vulneráveis e sentimos necessidade de mascarar nossos

defeitos, o que nos leva, paradoxalmente, a comportamentos de dissimulação, má-fé, falsidade e farsa. Instaure-se um ambiente de hostilidade, onde todos passam a ser suspeitos e perigosos, com o temor permeando as relações. Este é o contexto propício à diabolização de pessoas incômodas ou rivais, às quais é atribuída a responsabilidade do mal e o encargo de afastá-lo ou eliminá-las de nossa convivência. São os bodes expiatórios. Do temor também surge a superstição, estado de servidão suprema do homem. A relevância deste tema será tratada em um próximo livro que estou desenvolvendo com um grupo de profissionais multidisciplinares e que será lançado em breve. Por fim, a questão do diabo, tocada pelo papa, trouxe à luz a urgente problemática da necessidade do diálogo entre as religiões, indispensável para a paz. Como o desenvolvimento da ciência e das mentalidades de modo geral, temos hoje condições de refazer a compreensão de assuntos que angustiam o homem, pertinentes às religiões.